

# CANUDOS: UMA GUERRA INSURRECIONAL

Ten-Cel Cav QEMA  
OCTÁVIO ACOSTA ALVARES (\*)

## 1) AMBIENTE GEOGRÁFICO

A região onde se desenrolaram os acontecimentos está situada ao N do Estado da BAHIA e é limitada pelo rio S. FRANCISCO ao N e a W, a E. F. SALVADOR-JUAZEIRO ao S e o Estado de SERGIPE a L.

É a região mais árida do sertão baiano e, como tal, apresenta as características geográficas do interior árido do NE (solo estéril, clima semidesértico, vegetação das caatingas).

É cortada pelo rio VAZA BARRIS, sêco a maior parte do ano; a serra do CAMBAIO, que a atravessa, não apresenta elevações de porte mas são íngremes as suas encostas.

Na época não havia nenhuma estrada de rodagem na região, mas somente caminhos abertos durante a época da mineração; a única estrada de ferro existente passa 150 km ao S de CANUDOS.

A cidade mais próxima era JUAZEIRO, a 150 km de CANUDOS; a então Vila de JEREMOABO fica a 80 km a L.

Era pois uma região despovoada, sem meios de comunicações com SALVADOR e muito pobre em recursos naturais. A única atividade da região era a criação extensiva de gado. O solo proporcionava salitre e minérios de chumbo e prata, com os quais era possível fazer a pólvora e munições grosseiras.

## 2) ANTECEDENTES

### a) Caracterização do homem

O interior da BAHIA era povoado pelos descendentes dos tapuias, quase sem cruzamento com o branco, exceto com os faiscaidores do rio das CONTAS.

Isolados naquele deserto, acostumaram-se às aventuras e aos saques, para a obtenção de alimentos e roupas. Os chefes organizavam bandos que se digladiavam contra outros bandos.

---

(\*) NOTA DA REDAÇÃO: O Ten-Cel Álvares pertence à Seção de Geografia e História da AMAN. O tema deste trabalho consta na relação de assuntos do novo programa de História do concurso de admissão à ECEME.

O único recurso era a criação de gado; as fazendas, enormes, não tinham cercas que as delimitassem, e assim, eram freqüentes os roubos de gado para a subsistência dos que atravessavam aquelas paragens.

Os contactos com as pequenas vilas existentes lhes forneciam armas de que necessitavam para poder lutar contra a natureza e obter alimentos.

Não sofreu, como o homem do litoral, a mestiçagem com o holandês ou com o negro. Formou-se do tapuia, com pequenas percentagens de sangue lusitano. E, isolado como ficou durante 3 séculos, devido às condições climáticas, não se civilizou: pelo contrário, foi o índio que impôs seus costumes ao mameluco. Semicivilizados, herdaram do tapuia o misticismo, o fatalismo, a valentia e o espírito aventureiro.

Estavam assim reunidos os ingredientes necessários para que alguém, mais civilizado, os liderasse.

#### b) O líder

Na segunda metade do século XIX, aparece nos sertões nordestinos a figura de ANTONIO VICENTE MENDES MACIEL, o ANTONIO CONSELHEIRO que iria congregar aquêles nordestinos místicos, acabando por fixá-los em CANUDOS, de onde só seriam desalojados com as expedições militares de que trataremos.

A família MACIEL havia quase sido exterminada naquelas lutas entre famílias ou bandos, tão comuns na região.

ANTONIO VICENTE levou vida normal no interior do CEARÁ, onde nascera.

Com o casamento começam suas peregrinações por várias cidades, mudando de emprêgo mas trabalhando. Quando porém sua mulher foge com um Sargento de Polícia, a vida de MACIEL transforma-se completamente. Não é mais capaz de viver nas cidades onde é conhecido e começa a perambular pelos sertões.

A sua vestimenta, sua barba crescida e os conselhos que sabe dar aos que o procuram, aos poucos o transformam num asceta e num gnóstico. Assim, permanece durante 20 anos, perambulando pelo sertão de todo o NE; aos poucos foram surgindo os seguidores que o acompanhavam em suas andanças, dispostos a viverem miseravelmente.

Em 1876 é prêso, levado ao CEARÁ e, constatada a sua inocência nos crimes que lhe imputavam, é sôlto e volta à BAHIA.

Insurge-se contra a Igreja Católica, dizendo que obedece ao Satanás. Funda sua própria igreja. Com a República, os Municípios tornam-se autônomos e cobram impostos. Contra isso insurge-se o Conselheiro e mais, contra o casamento civil.

Uma força policial que é enviada para prendê-lo, é desbaratada por seus seguidores. Ciente do perigo, o Conselheiro não mais visita as vilas e povoados. Dirige-se para o interior e fixa-se em CANUDOS (1893).

Logo, inúmeras famílias abandonam suas casas nos arraiais próximos e distantes e para lá se dirigem, dispostas a levar a vida do Conselheiro, e que muito se aproximava da que levaram os tapuias, seus ancestrais.

Construíram suas casas em tórno da igreja e logo povoaram tóda a elevação envólta pelo rio VAZA BARRIS. Em tórno, nas elevações adjacentes, como se fóssem Postos Avançados, constroem-se casas dispostas em lugares estudados, e cercados de trincheiras de pedras e espinhos. Vivendo sob a preocupação doentia da outra vida, CANUDOS era-lhes suficiente; era o seu mundo... "Bem-aventurados os que sofrem".

A única falta punida era a falta às rezas; o demais era permitido.

Como não trabalhassem, viviam do saque das fazendas e povoações vizinhas.

Nas vizinhanças encontravam salitre para fazer a pólvora e as minas de chumbo e prata lhes facilitavam a confecção da munição.

#### c) Causas imediatas

— A República, como já vimos, não pelo que pudesse representar esta forma de govêrno, desconhecida dos sertanejos, mas sim pelo que representou de afastamento da velha figura amiga do imperador; pela cobrança de impostos no interior e pela instituição do casamento civil.

— O incidente resultante da compra de madeira em JUAZEIRO (1896). Devido à demora na entrega da madeira, o Conselheiro ameaçou ir a JUAZEIRO apanhá-la à fôrça. A população alarmou-se e o Juiz de Direito pede auxílio ao Governador. Este, ou por não dispor de tropa ou para não se indispor com os jagunços, pede 100 homens ao Cmt do Distrito Militar.

— A Revolução de 1893, que ocasionou a radicalização de posições em tórno da República. Qualquer reação ao govêrno era tida como anti-republicana.

#### d) Causas mediatas

- o fanatismo religioso; e
- o banditismo coletivo.

Conseqüentes ao atraso e isolamento em que viviam e à herança dos tapuias, seus ancestrais.

#### 3) A LUTA

Em 1895, o arcebispo da BAHIA enviou a CANUDOS o frade capuchinho JOÃO EVANGELISTA DO MONTE MARCIANO. O relatório do padre, após alguns dias de permanência no local, fornece as únicas informações sôbre o reduto.

### a) 1ª Expedição

Em 1896, ante a ameaça de saque a JUAZEIRO, o governador pede força federal; mas pede somente 100 homens, o quanto julgava necessário. O Ten MANOEL DA SILVA PIRES FERREIRA seguiu de trem para JUAZEIRO, levando 100 praças e uma ambulância, com instruções para agir "de acôrdo com o Juiz de Direito". Não lhe foi dada nenhuma missão.

Em JUAZEIRO as informações obtidas foram contraditórias. Deveria o Ten aguardar em JUAZEIRO ou ir ao encontro dos jagunços? A prudência era tida como covardia; assim êle resolveu ir ao encontro dos jagunços.

Orientado por guias da região, a força fêz 190 km e acantonou em segurança, em UAUÁ, sete dias depois (19 de novembro).

À noite a população abandonou o arraial. Ao amanhecer do dia seguinte, cerca de 500 fanáticos atacam a força de surpresa, travando-se um feroz combate que dura 4 horas, havendo 10 mortos na expedição e cerca de 150 entre os fanáticos.

À tarde o Ten retira-se com sua tropa para JUAZEIRO, ante o perigo de novos ataques. O efetivo e o moral dos jagunços aumenta, e, principalmente, aprenderam a lição de que *não se deve atacar uma tropa, de peito aberto*.

Em parte ao seu Cmt, o Ten PIRES FERREIRA relata os acontecimentos, mostrando as deficiências do armamento e do uniforme usados pela tropa, as dificuldades do meio físico e de se obter informações.

### b) 2ª Expedição

Assim que chegaram os informes da retirada da força, o Cmt do Distrito, por ordem do Ministro da Guerra, reuniu apressadamente as forças disponíveis em SALVADOR e as encaminhou a QUEIMADAS, sob o comando do Maj FEBRONIO DE BRITO.

A expedição compunha-se de 100 praças do Exército e 100 da Força Pública do Estado.

Partiu mesmo antes da chegada da 1ª Expedição que voltava a JUAZEIRO e portanto, ainda sem informações detalhadas do que ocorrera em UAUÁ.

A 26 de novembro desembarcou em QUEIMADAS, onde permaneceu vários dias, buscando novas informações; em correspondência travada com o Cmt do Distrito recebeu ordens de iniciar as operações. Assim, desloca-se para MONTE SANTO, estacionando em CANSANSÃO, a três léguas de M. SANTO. Mas agora recebe ordens de regressar a QUEIMADAS. Parece que o Cmt do Distrito, conhecendo o relato do Ten PIRES, ficou receoso de novo insucesso, sem que a tropa obtivesse melhores informações e fôsse dotada de melhores recursos em efetivo, armamento, munição e meios de transporte.

Após divergências entre o Gen SOLON e o governador, êste retirou a tropa de polícia e fê-la marchar sòzinha sôbre M. SANTO, ameaçada pelos fanáticos. A política interveio e o Gen SOLON foi transferido. Novamente de acôrdo, militares e govêrno do Estado, a expedição do Maj FEBRONIO é reforçada e atinge 600 homens do Exêrcito e da Fôrça Pública.

Recebendo os reforços, a expedição marcha para M. SANTO, onde permanece 17 dias, sem procurar melhores informações sôbre o terreno e o inimigo. Seguindo pela estrada M. SANTO-CAMBAIO-CANUDOS, a 16 de janeiro de 1897 chega às avançadas dos jagunços.

A 17 efetuou-se o reconhecimento da posição e verificou-se que estava em situação vantajosa e de difficil acesso.

Ao alvorecer de 18 foi feito o ataque e só ao cair da tarde os defensores retraem.

Nesse mesmo dia prossegue e acampa a 6 km de CANUDOS, onde é atacada de surprêsa, no dia seguinte, pela frente, flancos e retaguarda. Apesar de terem rechaçado os fanáticos, o Cmt da expedição resolveu retirar para MONTE SANTO, de onde informou o Maj FEBRONIO: a tropa está morta, extenuada, maltrapilha, quase nua e é impossível refazer-se em M. SANTO.

Nesta parte o Maj dá as primeiras informações de valor para as autoridades, dizendo que o reduto dispunha de mais de 4 mil homens, e sugere as melhores direções de ataque para as novas expedições, aconselhando que as expedições *não contem com recursos locais e tragam tudo e desconfiem de todos*. (Lembrar que na época as tropas viviam, em grande parte, dos recursos locais).

### c) 3ª Expedição

Em resposta ao telegrama do Governador da BAHIA, narrando os insucessos da 2ª Expedição, e solicitando reforços urgentes, o Ministro da Guerra nomeia o Cel Moreira César para o Cmdo da Brigada composta de 3 B I, um Esqd Cav e 1 Bia Art, com o total de 1.200 homens, a fim de seguir para a BAHIA e "operar no interior do Estado".

Como se vê, não foi dada uma missão clara ao Cmt da coluna; isto era, aliás, comum na época.

O Cel MOREIRA CÉSAR, voluntarioso e impetuoso, embarcou para SALVADOR, onde permaneceu 24 horas e seguiu para QUEIMADAS, sem tomar as devidas providências quanto às informações sôbre o terreno, o inimigo e o abastecimento da tropa, particularmente quanto à munição.

O Cel levava a idéia de que o Conselheiro debandaria à sua simples aproximação. Para apressar as operações, desiste da vinda do 16º B I e se contenta com 100 homens para guarnecer M. SANTO.

A 16 chega a essa localidade, partindo a 3 para CUMBE, com 1.200 homens, inclusive 200 praças da Polícia baiana. A 25 segue para CAJAZEIRAS, indo a Cav e os Engenheiros até SERRA BRANCA; a 26 chega a FOZ DO ROSARIO, onde permanece até 2 de março. No dia seguinte parte para CANUDOS.

Após um rápido reconhecimento do terreno, é realizado o ataque por duas direções diferentes, tentando envolver a localidade. Os Btl de 1º escalão chegam a penetrar no reduto, conquistando algumas casas.

Mas eis que o Cel MOREIRA CÉSAR é gravemente ferido. Assume o Comando da expedição o Cel TAMARINDO, mas a essa altura já os Btl sofriam fogo cerrado do casário e esgotava-se a munição.

Às 19 horas, como era comum na época, os clarins tocaram retirada para os elementos de 1º escalão, os quais abandonam as posições já conquistadas e vêm bivacar à vista da localidade. Durante a noite é decidida a retirada a fim de recompor a expedição.

A retirada transforma-se logo em debandada, atacada que foi pelos jagunços. A morte do Cel MOREIRA CÉSAR no ataque e a do nôvo Cmt, Cel TAMARINDO durante a retirada, arrefeceram o entusiasmo de oficiais e praças, os quais se deixaram dominar pelo pânico, e nem os feridos salvaram. Foi uma verdadeira fuga, abandonando o armamento, munição, víveres e feridos. (\*)

A fuga só foi terminar em QUEIMADAS. Entretanto, deve-se ressaltar a atuação da expedição durante a marcha para o combate, fazendo-o por uma estrada onde não foi esperada pelo inimigo, chegando até CANUDOS sem ser molestada. O ataque também foi realizado dentro dos conhecimentos da época, chegando a obter alguns êxitos; parece que só não foi coroado de êxito devido à morte de seu enérgico chefe.

#### d) 4ª Expedição

Foi grande a repercussão da grave derrota sofrida pela 3ª Expedição.

Chegou-se a falar que a República estava em perigo. O Exército tomou luto por 8 dias.

O Ministro da Guerra imediatamente organizou uma 4ª Expedição, comandada pelo Gen ARTUR OSCAR DE ANDRADE GUIMARÃES e composta de 16 B I, 1 R A Cav e elementos do 1º BE.

A 5 de abril de 1897, já em QUEIMADAS, o Cmt em chefe organizou a expedição em duas colunas.

A 1ª, sob o comando do Gen JOÃO DA SILVA BARBOSA, composta de 8 B I, Art e Ala de Cavalaria, investiria CANUDOS na direção QUEI-

(\*) N. R. — Ressalte-se o comportamento honroso da Bateria do 2º RArt, que sob o comando do Cap Salomão da Rocha realizou prodígios de valor, deixando-se imolar para cobrir o movimento da tropa apoiada.

MADAS-M. SANTO, e a 2ª, sob o Comando do Gen CLÁUDIO DO AMARAL SAVAGET, composta de 8 B I, Art e Eng, investiria CANUDOS na direção ARACAJU-JEREMOABO-CANUDOS.

Persistiram os erros anteriores de desprezar as informações sobre o inimigo e o terreno. Apesar de dispor de recursos financeiros necessários, a expedição não soube ou não encontrou onde suprir-se de víveres e munição suficientes.

A 1ª coluna realizou a concentração em M. SANTO e só a 14 de julho iniciou a marcha por brigadas sucessivas, pela estrada CALDEIRÃO-ROSARIO.

Como o encontro das duas colunas estivesse marcado para o dia 27, face a CANUDOS, o Cmt em chefe não quis demorar mais e prosseguiu a marcha, apesar do atraso do comboio. A 23 chega a ARACATY, onde se dá o primeiro encontro com o inimigo; mesmo já escasseando os víveres, a coluna prossegue sem esperar o comboio, pois deveria estar a 27 diante de CANUDOS. Com pequenos encontros de vanguarda, a coluna chega a 26 ao RANCHO DO VIGÁRIO.

A 27 dá-se o combate de ANGICOS. Neste encontro nota-se que a tropa já marcha em segurança, com vanguarda que destaca exploradores, com flanco-guarda e retaguarda, indo o grosso no centro. Ainda neste dia, já com fome e sede, a coluna chega a CANUDOS ao anoitecer, sem tempo para reconhecer o terreno e ocupa uma região completamente batida pelo inimigo (ALTO DA FAVELA).

Na manhã de 28, a Brigada TOMPSON FLÓRES ataca sozinho o arraial, sendo repelida. Não havia ordem para esse ataque, e parece que foi desencadeado devido à sua rivalidade com CARLOS TELES, o qual FLÓRES não admitia que chegasse primeiro ao arraial.

A 2ª coluna partiu de JEREMOABO a 16 de junho e, fazendo etapas curtas para não cansar a tropa, chegou a 24 na Faz SERRA VERMELHA, sem encontrar com o inimigo mas dificultada pela falta de água.

Com a Vav na vanguarda, a coluna tomou contacto com o inimigo no dia 25. Esse ocupava uma ótima posição, barrando o desfiladeiro de COCOROBÓ.

Foi necessário uma preparação de Artilharia e uma carga de Infantaria (2 Bdas) para desalojá-los.

A 26 chegou a TRABUDU, onde foi feita ligação com a 1ª coluna. A 27 parte desse local para CANUDOS, onde chega ao anoitecer, apesar das várias investidas de franco atiradores, e ocupa posição favorável:

A coluna preparava-se para atacar a 28, quando recebeu ordens de ir socorrer e juntar-se à 1ª, que estava em má situação no M. DA FAVELA. Isto foi feito no mesmo dia, ficando agora toda a expedição naquele local (800 x 300 m).

Ali permaneceram 15 dias à espera de víveres e munições, expostas e sujeitas a golpes de mão. Após receber víveres a 13 de julho, o ataque foi decidido para o dia 18.

e) Ataque de 18 de julho e epílogo.

A operação foi iniciada na última parte da noite, de surpresa, por brigadas sucessivas. Entretanto o efetivo ainda era insuficiente, devido às peculiaridades da época, frente de ataque e combate em localidades.

Teve êxito inicial mas é detida após tomar as primeiras casas. Todas as reservas são empenhadas; era grande o número de feridos. Foi decidido manter o terreno conquistado e foram cavadas trincheiras. Aos poucos diminui a quantidade de víveres e munição da tropa, enquanto os jagunços continuam recebendo reforços em material. Só agora o Cmt percebe que é necessário primeiro isolar o reduto rebelde para evitar que receba reforços. Resolve então pedir reforços em homens e material para acabar a luta, já que não dispunha de meios suficientes.

O governo organiza a Brigada Auxiliar, sob o Comando do Gen MIGUEL MARIA GIRARD e a envia apressadamente para o TO; com grande comboio de víveres e munições, a coluna é atacada em marcha mas consegue chegar a CANUDOS a 15 de agosto. Vários Btl de Polícia também chegam e ficam de guarda ao comboio e às comunicações.

A expedição é então reorganizada.

Todo o mês de agosto escoá-se com tiroteios, mas os jagunços continuam livres para receber reforços.

O próprio Ministro da Guerra resolve assumir a chefia dos serviços de abastecimento e desloca-se para M. SANTO, onde chega a 7 de setembro.

Agora sim, seria possível adquirir em SALVADOR os abastecimentos necessários e levá-los até CANUDOS. Instalam-se novos hospitais com estudantes de medicina da BAHIA. Inicia-se a construção de uma linha telegráfica para M. SANTO (partindo de QUEIMADAS).

A 7 de setembro um ataque noturno conquista FAZ VELHA, ponto que dominava grande parte da cidade. Durante o mês de setembro é realizado o cerco completo da vila, impedindo a partir de então que CANUDOS continue a receber reforços. A idéia era não atacar, mas esperar e obrigar os jagunços à rendição por falta de víveres e munição.

Entretanto, os gritos da opinião pública, que não compreendia a demora, obrigaram o Gen ARTUR OSCAR a realizar novo ataque a fim de retirar aos sitiados a única aguada de que dispunham. O ataque foi desencadeado às 06,00 de 1º de outubro, após 30 minutos de preparação de Art, e às 11,00 havia conquistado o objetivo fixado, depois de um sangrento combate corpo a corpo no interior da localidade e em que o inimigo perdeu 600 armas, 4 canhões desmontados, munições e 90 prisioneiros feridos.

A partir de 2 de outubro, pequenos grupos de velhos e crianças começaram a render-se, mas só a 5 terminou toda a resistência. CANUDOS não se rendeu, extinguiu-se.

O Conselheiro havia morrido em fins de setembro.

#### 4) CONSEQUÊNCIAS, PARTICULARMENTE NO CAMPO POLÍTICO

— A República, que havia sido consolidada com a Rev. de 1893, passou a ser um fato consumado.

— Início do interesse do País para o homem e as coisas do NE.

— A renovação do Exército.

— Acalmado o País, CAMPOS SALES pôde sanear as suas finanças.

### BIBLIOGRAFIA

1. *Expedições Militares contra Canudos* — Tristão de Alencar Arar., (Bibliex).
2. *Os Sertões* — Euclides da Cunha (O Homem, pág. 104 a 140).
3. *A Guerra de Canudos* — Macedo Soares (Bibliex). (N.R.)



## A AUTORIDADE DO CHEFE (I)

### FAZ FAVOR!...

O Cel A chamou um soldado de serviço e lhe disse: "Faz favor de ir avisar ao Sargento B, na carpintaria, que daqui a pouco irei lá para ver a mesa".

O Tenente C, que com outros oficiais acompanhava o Cel, aproveitando-se da conversa dirigiu-se a êle: "Cmt, é curioso como o Sr. pede "por favor" até a soldado, quando manda fazer alguma coisa..."

E o Cel, enfático, aos seus jovens subalternos atentos: "Não custa nada! Não custa nada!... E é mais agradável para quem é mandado. Mas... não se esqueçam: em assunto de serviço, pedido de comandante é ordem — ninguém tem o direito de se recusar a atender..."